

Luta de Classes

Pela reconstrução da 4ª Internacional

“A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (Karl Marx)

Imprensa
R\$ 3,00
operária

EM DESTAQUE

A posição da Esquerda Marxista diante da V Internacional
Págs. 10 e 11

INTERNACIONAL

A revolução e as nacionalizações na Venezuela
Pág. 19

EDUCAÇÃO

“Mais Educação e menos Mercadoria!” e “EUA: Educação e Desigualdade”. Dois artigos discutem a educação.
Págs. 11 e 12

Os trabalhadores podem mais!



São os trabalhadores que podem mais. Derrotar a direita e avançar nas reivindicações

Obama lançou um slogan que muitos tentam copiar ou modificar “sim, nós podemos”. Serra tenta fazer isso aqui e, tal qual Obama, quer esconder que existem trabalhadores e empresários, ricos e pobres, burguesia e proletariado. Mais ainda, a sua candidatura é a tentativa de uma parcela da burguesia de apostar na repressão aos sindicatos e movimentos sociais, na linha de destruição do movimento operário organizado. Mas ele tem pela frente um adversário de peso: os trabalhadores e suas organizações.

Os trabalhadores podem mais. As greves, as manifestações, as ocupações de terra e de fábricas mostram isso. Só que esta força precisa ser organizada e dirigida em direção a construção do socialismo. Nós mostramos aqui, em nosso Editorial, na matéria sobre a V Internacional e nas outras páginas exemplos deste combate.

Leia nas págs. 3 e 4

▶ **Esquerda Marxista apresenta lista de candidatos ao PT págs. 8 e 9**

▶ **Greve do Magistério em Pernambuco aponta o caminho págs. 6 e 7**

Salvar os bancos e o capital ou construir o socialismo? págs. 14 e 15



lançamento do volume 2 do livro *Reformismo ou Revolução* de Alan Woods pág. 20



Chuva, suor e barbárie capitalista. Análise da catástrofe no Rio págs. 16 e 17



36 anos da Revolução dos Cravos

pág. 18





QUEM SOMOS E PELO QUE LUTAMOS?



A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Revolução – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

Sintrasem matém-se filiado à CUT

Alex Sandro Batista dos Santos*
alextiquinha@gmail.com

Encerrou-se na sexta-feira 19/03 o 7º Congresso do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público de Florianópolis (Sintrasem), entidade fundada em 1988, que tem em sua base quase nove mil trabalhadores entre ativos e aposentados, de diversos setores, tais como: quadro do magistério (professores, supervisores, auxiliares de ensino, administradores e orientadores escolares), quadro civil (trabalhadores da saúde, setor administrativo da prefeitura, manual operacional, guarda municipal, auxiliares de sala etc.) e Comcap (trabalhadores da limpeza pública). O Sindicato agrupa em torno de quatro mil e quinhentos sindicalizados, sendo que o magistério é o que tem o maior número de filiados. As datas-bases da Prefeitura e da Comcap são em datas diferentes, sendo que a PMF está sob o regime estatutário e a Comcap sob a CLT. Na PMF os setores mais engajados são o magistério, manual operacional e saúde, tomando frente nas mobilizações e greves. A Comcap apresenta-se como o setor mais organizado e aguerrido da categoria na defesa dos interesses da categoria.

Mas como a diretoria atual do sindicato é formada por militantes do PSTU, PSOL e PCdoB, o centro do Congresso foi a desfiliação da CUT. No final da quinta-feira não tinham a maioria no Congresso, por isso tentaram uma proposta “mais amena”: obter autorização para mandar “ouvintes/aprendizes” para outras centrais sindicais.

A resolução da diretoria dizia: “... também oportunizará a estrutura necessária para que militantes da base, que tenham interesse, possam acompanhar outros espaços de debate sobre a reorganização sindical no Brasil”. Isso é descaradamente uma forma de, por baixo e sorrateiramente, ir se afastando da CUT.

A intervenção dos delegados agrupados ao redor da Esquerda Marxista garantiu que enquanto nosso sindicato mantiver-se filiado à CUT, não deve dar nenhum dinheiro para outras centrais e nem mesmo enviar “aprendizes” para, por baixo, irem comendo pelas bordas, até fragilizarem os cutistas e aí imporem a desfiliação da CUT.

A companheira Guilhermina, que é trabalhadora da limpeza pública, ao dizer “não sou muito estudada, mas me expliquem então

o que quer dizer ‘também oportunizará a estrutura necessária’, se isso não é construir outras centrais sindicais? Eu acho que vocês estão manobrando! Já dissemos, não queremos outra central, queremos a CUT!” expressou o sentimento da maioria: manter o sindicato filiado à CUT.

Ao final a proposta de manutenção de filiação à CUT ganhou com 60% a favor e 40% contra.

Aprovamos também um plano de lutas em defesa dos direitos e do serviço público; continuidade da discussão sobre as leis raciais com novos debates e publicação de materiais para a base; pelo fim do imposto sindical (nosso sindicato já não utiliza); e a luta pelo socialismo.

* Alex dos Santos é membro da Executiva Estadual da CUT/SC, foi dirigente do Sintrasem e milita na EM.

Cutistas Lançam Chapa no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Campinas

Depois de marchas e contramarchas, finalmente os petistas e cutistas construíram uma Chapa de oposição a atual direção sindical que busca preparar a desfiliação do Sindicato da CUT. A Chapa cutista combaterá as perniciosas políticas do governo Hélio (PDT) que desmonta os serviços públicos.

Participam das eleições as seguintes forças: a Chapa 3 do

PT, cutistas e independentes, encabeçada por Renata da Esquerda Marxista, pela companheira FÁ, do Fórum Socialista e Guida da Articulação de Esquerda; a Chapa 1 do PSB de Ciro Gomes e Jonas Donizetti (prepara a ruptura com a CUT); a Chapa 2 do Psol e PSTU, os sectários e divisionistas de sempre; por fim a Chapa 4, governista, do PDT, com apoio do DEM e PSDB.

ASSINE: **LutadeClasses**

Jornal da Esquerda Marxista - Pela reconstrução da 4ª Internacional
12 N°s R\$ 30,00 - 12 N°s R\$ 50,00 solidário
Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo, SP - CEP: 01020-000 Fone: (11)3101-8810
jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br

Faça contato com a Esquerda Marxista contato@marxismo.org.br

Alagoas: al-contato@marxismo.org.br
Brasília: df-contato@marxismo.org.br
Minas Gerais: mg-contato@marxismo.org.br
Mato Grosso: mt-contato@marxismo.org.br
Mato Grosso do Sul: ms-contato@marxismo.org.br
Paraíba: pb-contato@marxismo.org.br

Pernambuco: pe-contato@marxismo.org.br
Paraná: pr-contato@marxismo.org.br
Rio de Janeiro: rj-contato@marxismo.org.br
Rio Grande do Sul: rs-contato@marxismo.org.br
Santa Catarina: sc-contato@marxismo.org.br
São Paulo: sp-contato@marxismo.org.br

Os trabalhadores podem mais

Os trabalhadores podem fazer greves e paralisações, podem organizar a tomada de fábricas e de terras, podem manifestar-se. E podem construir uma perspectiva de avançar em direção ao socialismo, ao fim da propriedade privada

Jornal Luta de Classes

Serra lançou sua candidatura. O Slogan “O Brasil pode mais” casa-se completamente com a afirmação seguinte - “De mim, ninguém deve esperar que estimule disputas de pobres contra ricos, ou de ricos contra pobres. Eu quero todos, lado a lado, na solidariedade necessária à construção de um país que seja realmente de todos.”

Sim, Serra tem um discurso e uma perspectiva: enterrar a luta de classes, enterrar as reivindicações da classe trabalhadora inclusive com a repressão (é só ver como foi tratada a greve dos professores em SP) e, sob esta base, sob a base da maior exploração, fazer com que o “Brasil” avance. A ressonância que este discurso obtém e obteve é diretamente proporcional aos problemas que levam o PT a não defender os trabalhadores até o fim, querendo manter uma ilusão que é possível conciliar capital e trabalho.

Se este é o discurso de Serra, qual a resposta de Dilma? Dividido em 4 pontos, bem didático, curto e direto, Dilma diz que não tem medo, que não foge à luta (refrão que vem direto do Hino Nacional), defende as estatais e se coloca contra a repressão aos movimentos sociais - “Não permitirei, se tiver forças para isto, que o patrimônio nacional, representado por suas riquezas naturais e suas empresas públicas, seja dilapidado e partido em pedaços... Democrata que se preza não agride os movimentos sociais. Não trata grevistas como caso de polícia. Não bate em manifestantes que estejam lutando pa-



Trabalhadores em greve

cificamente pelos seus interesses legítimos.”

Ela termina o discurso reivindicando a continuidade do governo Lula: “o Brasil é um país que sabe o quer, sabe aonde quer chegar e conhece o caminho. É o caminho que Lula nos mostrou e por ele vamos prosseguir”.

Os trabalhadores, confrontados com os dois discursos, sabem que terão que votar em Dilma. E os petistas sabem que há um ponto fraco no discurso de Dilma: afinal, se esta é a nossa campanha, porque não avançar já em alguns pontos? Se vamos defender as empresas públicas, porque recusar o projeto da FUP-Movimentos Sociais da Petrobras 100% estatal? Porque o líder do PT vem a público dizer que Lula vetará

um reajuste maior que 7% para os aposentados se este vier a ser aprovado pelo Congresso Nacional? Ele quer perder as eleições, quer indispor Lula com o eleitor?

“O estado deve estar a serviço do interesse nacional e da emancipação do povo brasileiro” é preciso explicar que a maioria do povo é de trabalhadores e ela só pode ser emancipada se os trabalhadores forem emancipados

A dificuldade do discurso de Dilma é que o “Brasil” continua dividido em duas classes fundamentais: os trabalhadores e os patrões. Serra quer resolver isso destruindo toda organização independente da classe trabalhadora e fazendo valer o Brasil dos patrões. Dilma quer manter a disputa democrática entre os dois. Ora, o PT é o partido dos trabalhadores, então tem que colocar antes de tudo a defesa dos trabalhadores, é necessário ir muito mais longe que foi Dilma em seu discurso.

É necessário deixar claro que a

Reforma Agrária precisa ser realizada, que o projeto de jornada de trabalho de 40h deve ser aprovado, que o reajuste dos aposentados deve ser igual ao reajuste do Salário Mínimo, que o trabalhador precisa da estabilidade no emprego para não sofrer o que sofreu durante a crise, que as empresas privatizadas precisam ser reestatizadas. Em outras palavras, quando Dilma diz que “O estado deve estar a serviço do interesse nacional e da emancipação do povo brasileiro” é preciso explicar que a maioria do povo é de trabalhadores e ela só pode ser emancipada se os trabalhadores forem emancipados.

Serra fez o seu discurso e vai repeti-lo como mantra. Por traz dele existe uma vontade: acabar com todo o movimento organizado dos trabalhadores, destruir sindicatos, o MST, toda e qualquer organização popular. A resposta do PT tem que ir além do que Dilma disse. Afinal, os trabalhadores podem mais.

Os trabalhadores podem fazer greves e paralisações, podem organizar a tomada de fábricas e de terras, podem manifestar-se. E podem construir uma perspectiva de avançar em direção ao socialismo, ao fim da propriedade privada.

A Esquerda Marxista convida a todos os petistas, a todos que querem a vitória dos trabalhadores contra a burguesia, a todos que acham que o Brasil que precisamos é um Brasil socialista, unido a todos os demais trabalhadores do mundo, para se juntarem conosco. Vamos mostrar que dotados de uma perspectiva correta, os trabalhadores podem muito mais do que pensam os políticos da burguesia.

PESQUISA ELEITORAL

Torcer por melhores resultados ou combater e romper com a burguesia?

Luiz Bicalho*

luizbicalho@gmail.com

Os trabalhadores, particularmente os petistas, geralmente prestam atenção às chamadas pesquisas eleitorais, vendo nelas a possibilidade do seu candidato se sair bem em uma eleição. O PT divulga regularmente em seu site os resultados das pesquisas eleitorais. Recentemente, algumas pesquisas chamaram a atenção.

Uma pesquisa da Data Folha onde a diferença entre Serra e Dilma cresceu, outra da Vox Populi mostrando Serra e Dilma praticamente empatados e mais outra da Data Folha apenas no Estado de São Paulo, mostrando a liderança de Marta na disputa por uma das vagas do Senado.

Quando o PT nasceu e cresceu, as pesquisas, todas, mostravam o PT bem lá embaixo. Dificilmente uma pesquisa mostrava um empate entre um candidato do PT e outro qualquer ou a liderança de um candidato do PT. Mas, isso mudava e candidatos do PT ganhavam eleições. Por quê?

O que fazia toda a diferença era o combate da militância petista, os filiados organizados em núcleos e diretórios que assumiam a tarefa de propaganda, de agitação, de ir de casa em casa, de convencer filiados e amigos, de mostrar a campanha nas ruas, nos bairros e fábricas. Este trabalho militante, esta disposição de combater garantia a virada e transformava as pesquisas eleitorais em pó à medida

que as eleições se aproximavam.

A mudança na política do PT, as alianças eleitorais com a burguesia fizeram um estrago enorme e estão confundindo a militância organizada. Hoje, em todos os encontros e discussões, os petistas “choram” os núcleos e sempre aparecem saudosistas querendo reavivá-los. Mais ainda, quando muitos olham as pesquisas e vêem que elas nem sempre falam o que gostariam, ai sim o desespero aumenta.

O problema é que olham o resultado, mas não querem corrigir a causa. Querem curar o doente sem matar um único germe. E é preciso matar os germes. Será que os petistas vão se animar e sair de casa para defender um Helio Costa em Minas Gerais, um Sergio Cabral no Rio de Janeiro, um Eduardo Campos em Pernambuco, um Cid Costa no Ceará?

Para virar o jogo nos Estados, as plataformas do partido para as candidaturas a governador devem propor aumento de salários para os professores, reformas nas escolas, acabar com a política de municipalização da educação. Os candidatos do PT aos governos nos estados devem chamar o povo para lutar pela revogação das privatizações das rodovias, das companhias e bancos estaduais. Isso certamente animará a todos!

Dilma deve assumir que fará a Reforma Agrária, as Reestatizações, as nacionalizações, aumentar os direitos trabalhistas. Esse é o caminho da mobilização e da vitória



Antes a batalha era nas ruas

Certamente, naqueles estados onde a aliança com a burguesia for rejeitada o animo será redobrado. Estão certos os companheiros do Maranhão que deram um passo adiante, recusando a aliança com o PMDB e apoiaram o candidato do PCdoB ao governo. Não se trata de um problema local; o PT deveria seguir no caminho aberto pelos companheiros do Maranhão: romper com a burguesia e seus partidos!

Os marxistas guiam-se pelas necessidades da classe trabalhadora de se apresentar de forma independente da burguesia, inclusive nas eleições. Assim, saudamos como positivo o fato do PT ter decidido lançar candidatos próprios em estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Distrito Federal ou apoiar um candidato de um partido de trabalhadores também (o PCdoB) no Maranhão. É positivo o fato do PT ter a sua candidata a Presidente da República. Mas longe de nós querer tampar o sol com a peneira.

A política que a maioria da direção do PT imprime atrapalha a sua caminhada em direção à vitória. Cria um obstáculo para que a militância assuma com garra, com unhas e dentes a vontade de vencer.

E possível mudar isso? Sim. Para tal, Dilma deve assumir que fará a Reforma Agrária, as Reestatizações, as nacionalizações, aumentar os direitos trabalhistas. Esse é o caminho da mobilização e da vitória.

Esta política, caso aplicada, certamente colocará o PT no combate com animo redobrado, retirando os militantes da mera situação de espectadores e torcedores frente ao resultado das próximas pesquisas, retirando-os da condição semelhante ao torcedor de futebol que assiste ao jogo pela TV, vibra com uma boa jogada, mas não anima nenhum jogador e nem consegue via TV, participar do jogo e fazer o necessário gol de placa.

Os marxistas combatem em cada local, nas condições locais, pela vitória dos trabalhadores contra a burguesia. Defendemos Dilma, mas explicamos que é necessário o PT romper com a burguesia. Apresentamos e fazemos a campanha dos candidatos proporcionais marxistas, apoiamos candidatos da esquerda petista e do PT contra a direita. Mas, sobretudo, ajudamos os militantes petistas a se colocarem no combate pela independência de classe e juntos lutarmos para mudar a ordem estabelecida, organizando-nos para combater pelo socialismo.

* Luiz Bicalho foi dirigente da Confederação Nacional dos Servidores Federais - CONDSEF e é dirigente da EM no RJ



Crônicas das fábricas ocupadas

A Marcha do MST: unidade entre camponeses e operários

“Quando o campo e a cidade se unir, a burguesia não vai resistir”

Carlos Castro *

castrrodireito@yahoo.com.br

Esta palavra de ordem ecoou em Brasília (DF), sob o coro de um batalhão vermelho de 20 mil camponeses, acompanhados por um pelotão de 40 operários da Cipla, Interfibra e Flaskô, de camisas azuis e bandeiras amarelas, na histórica Marcha promovida pelo MST em maio de 2005.

A participação da delegação operária neste evento, por todo o sacrifício que passaram e pela unidade que conseguiram, foi um dos momentos mais ricos da história das fábricas ocupadas no Brasil. Ao final da Marcha, os 20 mil camponeses haviam assinado um abaixo assinado que requeria de Lula a estatização da Cipla, Interfibra e Flaskô. Serge Goulart foi convidado pelo MST para comparecer na audiência com o Presidente Lula, onde foi entregue o abaixo assinado por Serge e pela atriz global, Leticia Sabatela, que cobrou o atendimento da reivindicação operária: “Presidente Lula, o senhor precisa estatizar estas fábricas para garantir os mil empregos. Estes trabalhadores merecem a sua atenção”.

Mas durante a marcha, nem tudo foram flores aos operários. Para os camponeses, marchar 16 km por dia, durante dez horas;



Fábricas Ocupadas e MST

passar por intensas dificuldades a beira das estradas, em baixo de lonas pretas, na angustiante espera por um pedaço de terra para suar de sol a sol, está integrado ao seu DNA. Porém, o mesmo não ocorre com os operários. Eni e Eliane, as coordenadoras da delegação operária, tiveram um papel fundamental para reanimar aqueles que pensavam em desistir. Conseguiram. A delegação não teve nenhuma baixa.

A alvorada ocorria às 4 da manhã. Quando todos estavam a postos, em fila dupla, se iniciava a mar-

cha. Logo em seguida, recebiam um lanche sem parar a caminhada. Às 14 horas os marchantes se organizavam para almoçar. Após um merecido descanso eram organizadas atividades de formação e discussões em grupos. À noite aconteciam confraternizações nos barracos divididos em 23 estados. Os sons de diversas culturas se misturavam entre os trabalhadores, enquanto se tocava um xote na barraca

do Rio Grande do Sul, se ouvia o baião nordestino. Logo o cansaço tomava conta dos companheiros e todos dormiam na relva do Planal-

to Central. Esta ação se repetiu durante quinze dias, nos 300 km percorridos entre Goiânia e Brasília.

A marcha era conduzida por alguns trios elétricos. Num deles havia uma rádio livre onde todos os marchantes acompanhavam a programação por um radinho. Carlos e Dailson, membros da delegação operária, queriam divulgar o abaixo assinado para coletar a assinatura dos camponeses. No quarto dia se aproximaram de um trio elétrico, informaram aos seguranças o que queriam, mas foram ignorados e impedidos de subir. Os dois camaradas, não se deram por derrotados. Ficaram a espera do momento certo para subir. Ao perceberem uma brecha deixada pelos seguranças, subiram, pegaram o microfone e com toda euforia Carlos informou: “Companheiros do MST, as fábricas ocupadas do Brasil estão com um pelotão nesta marcha e dão apoio integral à luta pela reforma agrária. Pedimos a cada um de vocês que assinem o nosso abaixo assinado que requer do governo Lula a estatização destas fábricas”. Em seguida, Carlos lança a palavra de ordem que seria verberada por toda a marcha: “Quando o campo e a cidade se unir, a burguesia não vai resistir”. Neste instante, os seguranças tiraram o microfone das mãos dele, mas a mensagem já havia sido passada e foi assimilada com empolgação pelos marchantes.

* Carlos Castro é radialista e foi membro do Conselho de Fábrica da Cipla, é militante da EM em Joinville/SC.

Visite o novo site do Movimento das Fábricas Ocupadas
www.fabricasocupadas.org.br

Greve do Magistério em Pernambuco aponta o caminho

Lula não pode se esconder de suas responsabilidades: faça cumprir o Piso para os profissionais do Magistério

Josenildo Vieira de Mello*

josenildomello@ig.com.br

Com muita habilidade política e tirando a sua responsabilidade maior com o desmonte da Lei nº 11.738/08, que criou o Piso Salarial Profissional Nacional para os profissionais do magistério, o presidente LULA, usando de um proselitismo pouco comum na CONAE (Conferência Nacional de Educação, realizada entre os dias 27 de março a 02 de abril de 2010), se dirigiu aos mais de três mil delegados de todo o país e repassou para os governadores e prefeitos a responsabilidade. Escondendo-se que acima de tudo, é de seu governo, em especial do Ministério da Educação e do Ministério da Fazenda, ao não assegurarem corretamente a aplicação da Lei que criou o Piso Salarial Profissional Nacional.

Falando exatamente o que a CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação) queria ouvir, como “passando pirulito na boca de uma criança”, Lula enalteceu o movimento sindical, suas lutas, principalmente quando utiliza o recurso das greves para conquistar a sua valorização profissional. Repassou para o movimento sindical a responsabilidade pela implantação correta do Piso a partir de seus

métodos de combatividade e negou que a solução aberta para o conflito surgido, a partir da não implantação do piso, seja um problema nacional e de seu governo. Fez como Pilatos, lavou as mãos diante do grave problema que afeta todo o magistério da educação pública básica.

A CNTE, ao negar-se a cumprir o seu papel de instrumento de luta destes profissionais brasileiros, simplesmente confraternizou-se as lindas palavras do Presidente da República, curvando-se assim diante dos afagos daquele que é o responsável maior pela continuidade do desmonte da escola pública iniciada no governo FHC quando da implan-

Ao chegarmos ao Palácio do Campo das Princesas... não estavam nem o governador, nem a UNDIME, muito menos a AMUPE para nos receber

tação das “políticas neoliberais”, resultando numa descentralização radical da educação básica pública, que por meio da municipalização desenfreada e sem recursos, sucateou o ensino público.

EM 16 DE MARÇO OS PROFESSORES PARAM E LUTAM

Superando o corporativismo das entidades sindicais que representa os profissionais do magistério em Pernambuco, a partir de uma proposta apresentada pela direção do SINDUPROM/PE, no entendimento que a nossa luta é nacional para assegurar na íntegra o cumprimento da Lei nº 11.738/08, que criou o Piso Salarial Profissional Nacional (PSPN),



Professores tomam as ruas de Recife

em reunião do Setorial da Educação da CUT/PE foi aprovada a proposta de paralisação de todos os profissionais da educação no estado, em todos os municípios, no dia 16/03/2010, com uma concentração em frente à Câmara Municipal de Recife. Incorporaram-se à concentração os trabalhadores em educação ligados ao SINTEPE, da rede estadual.

Sob a coordenação geral e responsabilidade da CUT/PE, a partir da chegada das caravanas dos professores de todo o estado - representando a base do SINTEPE (professores do estado), SINDUPROM/PE (representando professores de 43 municípios), SINPROJA (Professores de Jaboatão dos Guararapes), SINPC (Professores do Cabo), SINPMOL (professores de Olinda) e SINPREMO (professores de Moreno), SIMPERE (professores do Recife), além de sindicatos de servidores municipais - todos seguiram em marcha pelo centro do Recife/PE com o objetivo de arrancar uma reunião com os representantes

do Governo do Estado, UNDIME e AMUPE (Associação Municipalista), para repassar as reivindicações da categoria e expressar o descontentamento com a falta de implantação da Lei do Piso e da Carreira do Magistério.

Diante do fato de que as direções sindicais, na maioria, impotentes para combater as políticas de destruição da educação pública e dos direitos dos profissionais do magistério, o SINDUPROM/PE cobrou da CUT e da CNTE a responsabilidade inadiável da defesa da GREVE GERAL NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA como única saída para assegurar o cumprimento integral da Lei do Piso. Ver Box

Toda a grande Recife parou no dia 16 de Março passado! Mostramos força e capacidade de luta. Ao chegarmos ao Palácio do Campo das Princesas, nos agrupamos e lá não estavam nem o governador, nem a UNDIME e muito menos a AMUPE para nos receber. Na ver-

dade não houve empenho por parte da maioria das direções da CUT e da CNTE em amarrar esta audiência, como também não houve empenho em elaborar um panfleto único para ser distribuído aos recifenses, nem mesmo se construiu uma agenda ou pauta comum de reivindicações a ser entregue ao governo.

Claro que as direções demonstram, mais uma vez, que estão adaptadas ao governo Lula e que precisam de um “sacolejo” para cumprirem com suas responsabilidades históricas. Paramos a rede estadual de ensino, toda a Região

Metropolitana do Recife e quase os 170 municípios pernambucanos restantes. Com isso provamos a vontade e demonstramos a combatividade da categoria.

O movimento sindical, a partir da CNTE e dos sindicatos dos trabalhadores em educação, não podem se render a política dos aparatos, nem tão pouco, servir de correia de transmissão dos governos ou de

qualquer partido. Devem ter suas responsabilidades como organiza-

ções de luta, como defensores intransigentes dos direitos e das conquistas da categoria. A direção da CNTE não pode furtar-se à sua responsabilidade como representante de mais de setenta sindicatos de educa-

ção, com mais de dois milhões de trabalhadores na base. É chegada a hora de abrir a discussão em to-

as direções demonstram que estão adaptadas ao governo Lula... precisam de um “sacolejo” para cumprirem com suas responsabilidades

das as instancias para construir a GREVE GERAL NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA para impor o cumprimento integral da lei do Piso e assegurar uma Carreira que realmente valorize todos os profissionais do magistério Público.

PELO CUMPRIMENTO INTEGRAL DA LEI DO PISO: A CNTE DEVE PARAR O MAGISTÉRIO EM TODO O BRASIL!

** Josenildo Melo é Coordenador Geral do SindProm/PE, é professor universitário e militante da Esquerda Marxista*

Um balanço da greve dos professores de SP

Alex Minoru*

alexminoru@yahoo.com.br

Os professores do Estado de São Paulo decidiram em assembléia, no dia 8 de abril, suspender a greve que completava um mês, massivas mobilizações tomaram as ruas da cidade de SP nesse período e, nas escolas, uma significativa adesão da categoria à paralisação.

Essa greve, que não arancou nenhuma das reivindicações pautadas, desmascara o caráter autoritário e intransigente do governo do PSDB. Seja pelas mãos de José Serra, que se licenciou em 31/03 do cargo de governador para concorrer nas eleições presidenciais, seja pelas mãos de seu vice, Alberto Goldman. Ambos muito bem acompanhados pelo Secretário da Educação, ou inimigo da educação, Paulo Renato Souza.

Nas últimas mobilizações a categoria pôde sentir toda a truculência da burguesia quando os trabalhadores se colocam em movimento, forte repressão às manifestações, pressões administrativas para finalizar a greve e a ação conjunta com a imprensa para caluniar os professores.

Na batalha que ocorreu nas imediações do palácio do governo em 26 de março, quando a tropa de choque utilizou contra os professores bombas, gás e balas de borracha, foi flagrada a infiltração de policiais a paisana entre os manifestantes. Uma foto do jornal O Estado de SP noticiava em um dia que um manifestante estaria socorrendo uma policial ferida, no outro dia o jornal explicava que, na verdade, aquele que carregava a policial era outro policial disfarçado de professor, com barba e mochila nas costas.

A Apeoesp (sindicato da categoria) deveria ter organizado desde o início um fundo de greve, pois após um mês de paralisação, o desconto que os professores te-



Passeata de professores na Avenida Paulista em São Paulo

riam no salário foi um forte fator de pressão para o retorno à sala de aula. Na assembléia que decidiu a suspensão da greve, o grau de adesão já estava bastante baixo. A greve é um importante instrumento de pressão, mas se não existe uma sustentação desde a base torna-se infrutífera. O ideal seria a continuidade da paralisação até a conquista das reivindicações, mas devemos sempre estar atentos à realidade concreta e avaliar as melhores táticas a partir disso.

Muitas lições podem ser tiradas dessa greve: o papel da imprensa a serviço da burguesia, a

violência da polícia contra os trabalhadores que se movimentam, a intransigência de um governo burguês, a importância de ter uma direção sindical que não vacile. As lições dessa luta certamente ficarão gravadas na memória dos que se envolveram, serão ensinamentos essenciais para as futuras vitórias dos professores. Nova assembléia foi marcada para o dia 7 de maio.

** Alex Minoru é militante da Esquerda Marxista em São Paulo*

Esquerda Marxista apresenta lista de candidatos ao PT

Redação Jornal Luta de Classes

A Esquerda Marxista apresenta nesta edição os nomes dos militantes que comporão a lista de candidatos a deputados federais e estaduais, a serem homologados pelas convenções internas do Partido dos Trabalhadores, nos estados de Santa Catarina e São Paulo.

Essas candidaturas se inserem na linha de combate pela vitória do PT contra a direita, elegendo Dilma, que, sendo a única candidata existente, foi

aprovada por unanimidade no congresso. *“Para os marxistas não é, de maneira alguma, indiferente que ganhe o PT ou o PSDB, evidentemente. Mesmo que o programa de Dilma não reflita os interesses imediatos e históricos do proletariado nem abra caminho para o socialismo, uma vitória da direita teria um tremendo impacto negativo em todas as lutas de classe no Brasil e na América Latina (...).*

Com uma vitória de Dilma, ou seja, do PT, os marxistas ficam em melhores condições de continuar a

batalha no interior do movimento operário pelo programa correto, por nossas idéias e pelo verdadeiro marxismo. O que inclui a continuidade da luta pela ruptura do PT com a colaboração de classe com a burguesia e a retomada da luta pelo socialismo.” (Serge Goulart, JLC, edição 29. Membro da DN do PT e do CC da Esquerda Marxista).

A prioridade das candidaturas é a defesa incondicional das reivindicações dos trabalhadores e da juventude, sob a base do programa socialista. Suas principais tarefas serão a conscientização popular

para a importância da organização e da utilização das entidades representativas e do Partido dos Trabalhadores para lutar contra a burguesia e o capitalismo.

O PT deve estabelecer um governo apoiado na Central Única dos Trabalhadores (CUT), Movimento Sem Terra (MST) e demais organizações e movimentos operários para que Dilma construa sua governabilidade com os trabalhadores do campo e da cidade, sem ministros capitalistas, para avançar na aplicação de um projeto socialista.

Os candidatos da Esquerda Marxista

Francine Hellmann*

fran_hellmanns@yahoo.com.br

Wanderci Silva Bueno*

wanderci.bueno@gmail.com

Este ano os trabalhadores brasileiros irão às urnas escolher novamente deputados estaduais e federais, governadores, senadores e presidente da república. A Esquerda Marxista, corrente interna do Partido dos Trabalhadores, participa desse processo lançando a candidatura de quatro legítimos representantes da classe operária com extensas histórias de luta.

Em Santa Catarina, o vereador de Joinville Adilson Mariano, mais votado da história do PT/SC, será candidato a deputado estadual; Airton Sudbrack, de Jaraguá do Sul, concorrerá a deputado federal. Em São Paulo, para deputado fede-

ral, a EM apresenta o vereador de Bauru e dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários, Roque Ferreira e para deputado estadual o ex-metalúrgico Miranda, que obteve 15% dos votos para Prefeito de Caieras nas últimas eleições.

Os candidatos apresentados pela EM estarão na linha de frente da luta pelas reivindicações dos trabalhadores e pela ruptura do PT e do governo com os partidos da burguesia.

ADILSON MARIANO

É vereador de Joinville desde 2001 e membro da Esquerda Marxista desde 2004. Foi operário metalúrgico e professor de história da rede estadual de ensino.

Seu mandato defende incondicionalmente a classe trabalhadora, apoiando greves, posicionando-se contra os aumentos da tarifa de



Vereador Mariano faz intervenção em manifestação

Arquivo vereador Mariano

transporte, lutando contra a privatização dos serviços públicos, defendendo os empregos e os direitos dos trabalhadores da Cipla, Interfibra, Profiplast, Busscar, entre outras empresas. Mariano sempre apoiou a reivindicação do passe livre para estudantes e, desde 2008,

luta pela conquista da gratuidade da passagem para os idosos acima de 60 anos. Ele defendeu o direito ao trabalho dos artesãos, ambulantes, dos trabalhadores em lanches rápidos e dos mototaxistas.

Mariano se posiciona a favor da redução nacional de jornada para 40

horas sem redução de salários e criticou duramente as empresas da região que praticaram a redução de horas de trabalho com diminuição de salários no período da crise econômica mundial. Apóia também as campanhas pela Petrobrás 100% estatal e pela reestatização da Vale. No município, defende a criação de uma empresa pública de transporte coletivo.

AIRTON SUDBRACK

É advogado, atua na defesa dos trabalhadores nos conflitos trabalhistas. Foi um dos fundadores do Centro dos Direitos Humanos de Jaraguá do Sul, em 1997, do qual é atualmente assessor jurídico.

Exerceu a advocacia trabalhista no município de Caçador. Em Jaraguá do Sul, foi assessor jurídico do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário e, mais recentemente, da Associação Recreativa dos Servidores Públicos Municipais de Jaraguá do Sul (Arsepum). É secretário de Formação Política da Executiva Municipal do PT de Jaraguá do Sul.

Ativo militante nos movimentos sociais e sindical, Airton tem dedicado sua vida à luta em defesa dos direitos, contra o capitalismo.

Seguirá lutando contra a criminalização dos movimentos sociais; contra as terceirizações e privatizações; pela reestatização de todas as empresas públicas privatizadas; na defesa da construção de empresas públicas para o transporte coletivo;



Vereador Roque Ferreira no Congresso da CUT em 2009

pela jornada de 40 horas semanal, sem redução de salário.

Recentemente tem combatido a Prefeita Cecília Konel (DEM) e seu marido, que juntos com o ex-prefeito, Ivo Konel, estão no centro de uma série de denúncias de corrupção que estão sendo investigadas por uma Comissão Especial de Investigação (CEI).

ROQUE FERREIRA

Roque é ferroviário. Dirigente sindical, há tempos luta com todas as suas forças contra a privatização das ferrovias. Desde cedo se uniu ao combate pela fundação do PT e da CUT. É dirigente do Movimento Negro Socialista (MNS). Enquanto vereador em Bauru tem lutado para organizar os movimentos em defesa dos direitos dos moradores, destacando-se nas mobilizações dos tra-

balhadores do comércio, contra o trabalho aos domingos, nas greves e lutas de diferentes categorias.

No último período se destacou na defesa dos servidores públicos, exigindo o direito à readaptação funcional por motivo de saúde; na luta por mais vagas nas escolas de ensino infantil e na batalha por transporte público. Além disso, posicionou-se contra o pagamento da dívida federalizada que a população é obrigada a pagar de R\$ 108,3 milhões, além do valor já pago pelo município em anos anteriores, o que reduziu drasticamente a aplicação de recursos em infra-estrutura, saneamento, lazer, saúde, educação, esporte etc.

MIRANDA

Miranda foi ferroviário e integrou desde muito jovem o combate pela construção da CUT e o PT.

Quando metalúrgico, na década de 80, militou ativamente, junto com a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, contra os dirigentes pelegos e a estrutura que atrela os sindicatos ao Estado.

No PT sempre atuou no apoio à organização dos trabalhadores, não apenas em sua região, mas na Macro Região do PT e outras. Apoiou lutas populares, como a ocupações das fábricas Flakpet, em Itapevi; Flaskô, em Sumaré e da Ellen, em Caieiras.

Miranda se destacou atuando no Movimento Negro Socialista (MNS), combatendo contra a racialização, cotas, estatuto da igualdade racial e racismo; levantando sempre a bandeira da unidade entre os trabalhadores, contra o capitalismo e pela construção do socialismo.

Foi candidato a Prefeito de Caieiras nas eleições de 2008. Apoiado pelos petistas conseguiu enfrentar a direita e empolgar os militantes, apoiadores e moradores. Agora, com sua candidatura a deputado estadual, voltará a mobilizar não só a população de Caieiras, mas também estudantes e trabalhadores vidreiros, químicos, metalúrgicos, professores, entre outros, combatendo também nas cidades do interior e na capital do estado, contra o candidato do PSDB e pela vitória do PT.

** Francine Hellmann é assessora do vereador Mariano e militante da EM em SC. Wanderci Bueno é editor do JLC e militante da EM em Campinas/SP*



Companheiro Airton Sudbrack



Companheiro Miranda



A posição da Esquerda Marxista

Uma das mais importantes discussões havidas no Comitê Executivo Internacional (CEI), da CMI, foi a discussão sobre a proposta lançada por Chávez de construir uma 5ª. Internacional anticapitalista, antiimperialista e socialista

CC da Esquerda Marxista

Num momento em que todas as forças políticas do mundo buscam impedir e quebrar a unidade internacional da luta de classes e demonstrar que cada um deve resolver seus próprios problemas no quadro do capitalismo e no quadro do Estado Nacional, é de uma enorme importância que um presidente, que dirige uma revolução, se pronuncie desta forma. Esta proposta necessariamente atravessa o planeta e se transforma em uma questão concreta para milhões de trabalhadores e jovens que olham com entusiasmo a revolução venezuelana.

A 1ª. Internacional desapareceu como consequência dos ensinamentos da Comuna de Paris. Seu ecletismo e confusão programática foram as causas de sua liquidação por Marx e Engels que compreenderam que a próxima internacional teria que ser construída sobre as bases do materialismo histórico e dialético, sob o método do socialismo científico.

A 2ª. Internacional (Internacional Socialista ou Social-Democrata), que era marxista e construiu os grandes partidos e sindicatos operários, desde 4 de agosto de 1914 quando capitulou à sua própria burguesia imperialista em cada país e permitiu o início da 1ª. Guer-

ra Mundial se tornou um “cadáver nauseabundo”, como disse Rosa Luxemburgo. Hoje não passa de um agrupamento de partidos da ordem e manutenção do capital cuja política é buscar dar uma face humana ao imperialismo para garantir o regime da propriedade privada dos grandes meios de produção.

A 3ª. Internacional (a Internacional Comunista) foi estalinizada e depois liquidada, em 1943, através de um simples comunicado, como consequência dos Acordos de Yalta e Potsdam, onde Stálin concretizou

as organizações que resistiram não tiveram as condições, não conseguiram, apesar de heróicos esforços, reconstruir a Internacional marxista como uma verdadeira Internacional

sua política de coexistência pacífica com o imperialismo. Desde a queda do Muro de Berlim, da destruição do Estado Operário degenerado e a restauração capitalista na URSS, os PCs em todo o mundo de partidos reformistas contrarrevolucionários passaram-se, praticamente todos, para a defesa aberta da ordem e do capital.

A 4ª. Internacional, principal obra da vida de Leon Trotsky, expressava a continuidade do marxismo, do Manifesto Comunista aos quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista. Seu Programa intitulado “A agonia do capitalismo e as tarefas da 4ª. Internacional” é a expressão concentrada do marxismo na época do imperialismo, estado supremo do capitalismo. Entretanto ela não existe

mais como organização mundial. Foi destruída por seus próprios dirigentes após a 2ª. Guerra Mundial. Incapazes de compreender a situação e capitulando sob a pressão do stalinismo e da burguesia estes dirigentes explodiram a 4ª. Internacional que se transformou num arco-íris de pequenas seitas esquerdistas ou oportunistas. Os militantes e organizações que resistiram não tiveram as condições, não conseguiram, apesar de heróicos esforços, reconstruir a Internacional marxista como uma verdadeira Internacional proletária de massas. Mas, seu programa foi verificado e confirmado pela história ainda que de maneira trágica como atesta a restauração capitalista da URSS e o afundamento da Humanidade na barbárie imperialista.

Os trotskystas, que se orgulham de seu programa e de seu combate, afirmam que é sobre a base deste programa que se reconstruirá a Internacional de Lênin e Trotsky.

A Resolução Política do 28º. Congresso da Esquerda Marxista afirma: “Por isso, firmes e decididos sobre a base do programa, inflexíveis sobre os princípios, os marxistas estão abertos e dispostos a trabalhar juntos com todo militante, todo grupo ou corrente, que rompe com a burguesia e busca encontrar o programa do bolchevismo de nossa época, o marxismo revolucionário, o trotskismo.

Foi esse o método utilizado por Trotsky na constituição do “Bloco dos Quatro” e sua declaração em favor da constituição



Parte do mural de Diego Rivera, “O homem no contínuo operário. Trotsky segura bandeira escrita “Operário”, ao lado de Marx, Engels e Operários

da 4ª. Internacional: Este “Bloco” (LCI, SAP, OSP e RSP) se constituiu sobre a base de uma Declaração que afirma:

“8. Estando prontos a colaborar com todas as organizações, grupos e frações que estão em vias de evoluir realmente do reformismo ou do centrismo burocrático (stalinismo) até uma política marxista revolucionária, as organizações abaixo assinadas declaram, ao mesmo tempo, que a nova Internacional não poderia tolerar nenhum espírito de conciliação em relação ao reformismo ou ao centrismo. A unidade necessária da classe operária não pode ser obtida nem pela combinação de concepções reformistas com as concepções revolucionárias, nem pela adaptação à política stalinista, mas somente pelo combate contra a



Esta diante da V Internacional



“O papel do universo”, ilustra a luta por uma internacional dos operários do mundo, uni-vos na Quarta Internacio-

política das duas Internacionais falidas”.

Isso exige de nós uma compreensão dos processos no interior da classe operária e na luta de classes, mas principalmente uma compreensão de que, se não há qualquer dúvida de que é sobre a base do programa da 4ª Internacional que se construirá o partido operário revolucionário com influência de massas - e a Internacional revolucionária - em nenhum lugar está escrito que este partido operário revolucionário se construirá no quadro formal de desenvolvimento da Esquerda Marxista, tal como ela é hoje.

A luta para construir o Partido Operário Revolucionário fundado sobre o programa parte do método de aproximar e fazer avançar programaticamente todos os agrupamentos que entram em movimento político prático de ruptura com o capital, de defesa dos interesses

da classe operária e da independência de classe, qualquer que seja sua origem.

É preciso estar preparado e preparar-se para, no próximo período convulsivo da história, ajudar militantes, grupos organizações e enormes contingentes do proletariado a se reorganizar sobre um novo eixo, um eixo de independência de classe que encontra sua máxima expressão no marxismo, no bolchevismo”. (28º. Congresso da EM, Janeiro de 2010)

Compreender estas afirmações em toda sua profundidade significa estar consciente de que a regressão política, teórica e organizativa imposta pelo stalinismo, e pela socialdemocracia, a todo o movimento operário internacional nos obrigará a um largo caminho de reconstrução da Internacional tão necessária ao proletariado mundial. Este caminho obrigatoriamente passará por reagrupamentos e reorganizações, crises e também por enormes confusões programáticas. Mas, acima de tudo é fundamental reconstruir um marco internacional com independência de classe, de defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora em luta contra o regime da propriedade privada dos meios de produção e pelo socialismo.

Conscientes disto a CMI e a Esquerda Marxista só podem ver com extremo entusiasmo a proposta apresentada por Chávez.

Como ensinou o Manifesto Comunista:

“Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários. Não têm interesses que os separem do proletariado em geral. Não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretendiam modelar o movimento operário. Os comunistas só se distinguem dos outros partidos operários em dois pontos:

(1) Nas diversas lutas nacionais

dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade.

(2) Nas diferentes fases por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre e em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto.

Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários

de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos resultados gerais do movimento proletário. O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários: constituição dos proletários em classe,

derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado”. (Manifesto Comunista, 1848)

É neste sentido que a CMI se dispõe a participar da discussão aberta por Chávez sobre a 5ª. Internacional. A CMI

participará como CMI sobre a base de seu programa e de seu método marxista. O CC da EM apóia esta atitude e esta iniciativa por unanimidade e convoca seus militantes a se engajar nesta via que abre possibilidades inimagináveis de construção para o marxismo na atual situação. A CMI publicará um Manifesto sobre a questão. Abaixo apresentamos a Resolução do CEI sobre a 5ª. Internacional.

Compromissos da Comissão Internacional da Corrente Marxista Internacional

Este CEI se compromete a:

- Emitir uma declaração pública da CMI apoiando a chamada de uma V Internacional, enquanto que, ao mesmo tempo, sublinha que esta deve estar armada com um

programa socialista claro e baseado na luta da classe trabalhadora.

- Discutir em cada país a forma em que podemos participar ou por em marcha iniciativas para promover a V Internacional e a melhor forma de intervir politicamente nesta.

- Participar na conferência de fundação da V Internacional em Caracas em abril e em outras reuniões como essa, onde nós defenderemos nosso programa e idéias.

Comitê Executivo Internacional da CMI, aprovado por unanimidade.

Mais Educação e menos Mercadoria!

Questões sobre a educação e a luta de classes

Fábio Ramirez

fabioramirez.com@gmail.com

Desde o final do século passado uma “polêmica” foi implantada no movimento estudantil e na classe trabalhadora (em especial nas lutas ligadas ao ensino público): trata-se da afirmativa “educação não é mercadoria”. Mas se a educação passa pelo processo de compra e venda da força de trabalho ela só pode ser uma mercadoria!

O que é mercadoria? Karl Marx explica em O Capital que uma mercadoria é “um objeto, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie”; essa qualidade de satisfazer necessidades humanas dá à mercadoria o seu “valor de uso” – utilidade da mercadoria às pessoas. Marx ainda explica que para uma “coisa” ser mercadoria ela precisa também ter um valor de troca, que é seu valor propriamente dito, dando-lhe as condições de ser trocada no mercado por outra mercadoria de mesmo valor. Se uma “coisa” tem valor de uso, valor de troca, e passa pelo processo de compra e venda no mercado, é uma mercadoria.

A valorização do capital (processo do qual o capitalista investe na produção e ao final multiplica o capital investido) só se realiza com a existência do mercado. Aqui temos uma das razões da confusão: muitos companheiros concluem que o que se passa na esfera do privado é mercadoria, mas na esfera do setor público não. Errado! O mercado inclui o setor privado, o público e o Estado. Se uma coisa é estatal não quer dizer que ela está fora do mercado. O mercado existe e nele se realiza o capitalismo, e o Estado é parte disso, aliás, é o Comitê Central dos negócios da burguesia.

No trabalho exercido pelo professor, sua mão de obra possui um valor

de uso: o conhecimento em determinada área é ensinado ao aluno porque é útil ao aluno. Ele também possui um valor de troca: para poder ensinar o seu conhecimento o professor precisa continuar vivo, para tanto ele troca sua mão-de-obra (neste caso o ato de ensinar e repassar conhecimento) por um determinado valor que o possibilite satisfazer suas necessidades básicas (vestimentas, alimentos, etc.). Por fim, o professor participa do mercado vendendo a única mercadoria que ele tem para vender, sua força de trabalho. E isso ocorre tanto com o professor da rede privada quanto com o da rede pública.

Outros companheiros tentam justificar que a educação não é mercadoria pelo fato dela não gerar mais-valia, sendo um trabalho improdutivo (que não gera valor). Mas o trabalho exercido pelo professor é um trabalho produtivo que gera um produto essencial: o trabalhador qualificado, que tem mais valor no mercado que o trabalhador sem qualificação. Sem o trabalhador qualificado o processo de produção capitalista, não funcionaria: o operário que produz uma peça, não poderia fazê-lo sem que tenha aprendido com os professores.

A principal diferença entre a natureza do ensino público e o privado (abstraindo os interesses ideológicos e econômicos) é sobre quem paga o salário: Na rede privada quem paga é o patrão, através do dinheiro das mensalidades, e na rede pública quem paga é o Estado, através de impostos arrecadados. No entanto, para os trabalhadores é melhor a educação pública que a educação privada. No sistema público toda a classe tra-



No capitalismo a educação é uma mercadoria

balhadora pode lutar para jogar essa despesa (necessária à sua própria reprodução) nas costas do patrão, enquanto que no sistema privado é o trabalhador, individualmente, que tem que arcar com os custos da educação dos seus filhos. Ao contrário, na educação pública os custos são gerais de toda a sociedade, entrando aí a discussão de como se arrecada os impostos, sobre quem paga mais

e quem deve pagar, os patrões ou os trabalhadores.

O Estado organiza a escola não porque ele quer educar os operários para um futuro brilhante e radiante, mas para ensinar o operário a produzir como a burguesia precisa. Desse modo, a educação vai ser componente

de futuras mercadorias, e essencial para a própria reprodução do ciclo da produção.

Um trabalhador com diferentes níveis de educação, com o domínio de certas técnicas, vai incorporar e transferir parte de seu conhecimento na produção de uma mercadoria mais elaborada. A educação recebida na escola, de forma indireta vai se incorporar, mais à frente, em mercadorias. Nesse sentido pode-se dizer que a educação participa do trabalho produtivo. A educação

quando concretizada na produção cria mercadoria e gera lucro.

Quando um operário produz uma peça, ele está vendendo a sua capacidade de produzir alguma coisa, está vendendo o que ele sabe e aprendeu a fazer na escola, desde o ensino primário, passando pelo secundário até o curso especializado, seja técnico ou universitário.

No capitalismo a educação é organizada para centralmente formar a mão de obra para o mercado de trabalho e não para ensinar aos trabalhadores os conhecimentos adquiridos pela humanidade. A nossa luta deve ser por um novo sistema, o socialismo, aonde a educação sirva para satisfazer as necessidades humanas e não simplesmente produzir mão de obra mais qualificada (coisa que ela continuará a produzir).

A frase “educação não é mercadoria” pode levar à idéia de que a educação não deve ser negociada, pois não é mercadoria, quando na verdade ela é permanentemente negociada na luta de classes, entre os professores e os estudantes com os patrões ou o Estado. A palavra de ordem ‘mais educação e menos mercadoria’ traduz de forma mais concreta o combate dos professores e estudantes na luta de classes e carrega a idéia de que é necessário superar o mercado, através da implantação do socialismo.

* Fábio Ramirez é militante da Esquerda Marxista em São Paulo

EUA: Educação e Desigualdade

Kevin Nance

Socialist Appeal - CMI/EUA

América - a terra das oportunidades - assim diz o ditado. Mas esta é uma frase tão superficial, quando você olha para ela mais a fundo, bem no coração e no núcleo do futuro da classe trabalhadora dos EUA, que é a educação de jovens e, quando vemos que a suposta “igualdade” não está nem perto de ser igual. Na verdade, parece que a educação americana está mais baseada em manter as pessoas pobres e ignorantes para manter um fornecimento estável de trabalho barato e não qualificado para trabalhar os poucos empregos que estão disponíveis, do que, efetivamente, proporcionar uma educação real.

Darwinistas sociais argumentam que a razão pela qual as pessoas são pobres é porque eles são geneticamente mais burros e mais fracos do que os ricos. Mas eles não conseguem ver as contradições que se encontram no seu próprio argumento. Alguém que nasceu em uma família pobre vai ter que trabalhar de forma exponencialmente maior do que alguém nascido de uma família rica para ganhar a mesma quantidade de riqueza, para não mencionar que o pobre não terá a mesma quantidade de recursos para começar como uma criança da alta classe.

Independentemente da composição genética, os ricos têm as cartas empilhadas em seu favor. Atualmente, a educação americana é

baseada em “No Child Left Behind Act” (Lei chamada: Ato de não deixar crianças para trás), que premia as escolas que funcionam bem em testes com mais financiamento federal. Isto significa que as escolas que já estão mal, acabem caindo ainda mais, acabando com ainda menos financiamento. “No Child Left Behind Act” está ferindo pobres americanos, ao recompensar os ricos americanos. Ela “cai como uma luva” para o funcionamento do capitalismo funciona como.

Como o financiamento de muitas escolas é derivado de impostos sobre a propriedade em cada distrito,

necessidade de financiar as escolas públicas maciçamente e fundamentalmente mudar a forma de como a escola é pensada... e dar um fim no financiamento privado

os ricos que habitam casas mais caras pagam mais impostos, e em troca recebem uma educação melhor. E os pobres que residem em casas de baixa qualidade, e que muitas vezes não possuem os seus próprios suas casas acabam indo para as escolas de qualidade inferior. Como resul-

tado, eles terão, inevitavelmente, uma qualidade inferior de experiência vida.

“No Child Left Behind Act” também assume uma abordagem darwinista social para as escolas privadas. Os estudantes que trabalham arduamente na escola pública, mas são pobres, podem ganhar bolsas para ir para uma escola particular. No início isto pode parecer positivo, porque é alguém que trabalha duro e é premiado. Mas numa segunda olhada, percebemos que elas estão levando os estudantes que possuem alta pontuação em testes padronizados de suas escolas, tor-



Estudantes norte americanos em sala de aula

nando a escola com baixas notas nos testes, em média, mais baixos do que antes. É um ciclo vicioso. Isso está condenando a nossa juventude nos bairros pobres!

Darwinistas sociais são quase sempre ricos e é fácil dizer “se você trabalhar duro você será recompensado”, quando nunca tiveram que trabalhar duro para conseguir alguma coisa. Por exemplo, os ricos são capazes de pagar professores e pesquisadores particulares, enquanto os pobres não podem pagar sequer os computadores que tornaria mais fácil a pesquisa. Em teoria, todos deveriam pelo menos, começar numa base de igualdade para então prosseguir a sua própria chance de o “sonho americano”, mas, infelizmente, o sonho americano é um mito.

Imagine uma escada, e cada degrau da escada é uma classe social. Digamos que o filho de uma família rica nasce três degraus até o topo da escada, e durante toda a viagem até ele tem sua família empurrando-o até que ele alcança o topo, tornando assim mais fácil. E agora, imagine um filho de uma família pobre, que nasce na parte

inferior da escada. E adivinhem? Os degraus acima dele são velhos e em ruínas e ele tem sempre o medo de alguém esfaqueá-lo enquanto ele está subindo e o cara na borda do seu degrau sempre quer levá-lo alto. Quem você acha que terá mais dificuldade em chegar ao topo?

A linha inferior é que se você nasceu na riqueza é mais propenso a morrer com a riqueza, e se você nasceu na pobreza, está quase certo que você morrerá na pobreza. A solução é complicada, mas para começar, temos necessidade de financiar as escolas públicas maciçamente e fundamentalmente mudar a forma como a escola é pensada. Temos que acabar com o financiamento público da privatização da educação, temos que dar fim no financiamento privado da faculdade que só os ricos podem pagar sem que virem dívidas maciças e que podem levar décadas para pagar. A qualidade da educação não é uma mercadoria a ser comprada e vendida. Deve estar disponível gratuitamente para todos, independentemente da renda.

* Kevin Nance é dirigente do *Socialist Appeal*, seção norte-americana da CMI

Salvar os bancos e o capital ou construir o socialismo?

A concentração e centralização do capital financeiro também se acentuaram. Hoje, os oito maiores bancos monopolizam 88,6% do total de crédito do sistema financeiro nacional!

Rafael Prata*

chavettra@yahoo.com.br

Como diria o presidente: nunca antes na história desse país a bolha de crédito foi tão grande! Antes mesmo de que a crise mundial estourasse no final de 2008, o governo Lula já vinha injetando crédito na economia brasileira. Mas o ano de 2009 bateu todos os recordes. O crédito total no país chegou a 45% do PIB, percentual significativo de aumento sobre os 39,7% do PIB de 2008. Quer dizer, o volume de crédito ofertado no país equivale a 45% de toda a riqueza produzida no Brasil.

Em março, numa palestra para dirigentes do Banco do Brasil, Lula destacou: *“saímos de 381 bilhões de reais em 2003 para 1 trilhão e 410 milhões de crédito no país. Não é possível ser um país capitalista sem financiamento de crédito”*.

Em particular, os balanços divulgados pelos bancos públicos impressionam e dão uma idéia do tamanho dessa bolha de crédito. No BB, por exemplo, o crédito a pessoas físicas cresceu 88% em um ano, sendo que a carteira de crédito consignado teve a maior alta: 107,2%. O financiamento para compra de veículos cresceu 209,8% em 12 meses (já levando em conta a participação de 50% na BV Financeira, empresa do grupo Votorantim que o BB salvou em benefício de seu dono, Antônio Ermírio de Moraes).

O BNDES desembolsou R\$ 137 bilhões, um aumento de 49% em relação ao ano de 2008. A Caixa Econômica Federal dobrou o crédito imo-

biliário entre 2008 e 2009, chegando a R\$ 47 bilhões. Desse total, R\$ 14,1 bilhões foram destinados ao programa habitacional “Minha Casa, Minha Vida”. Mais de 275 mil unidades habitacionais foram contratadas pelo programa, sendo que quase 169 mil destinadas às famílias com renda de até três salários mínimos. No entanto, nem de perto atendeu a demanda, pois foram apresentadas 656 mil propostas, sendo 394 mil propostas de famílias com até três salários mínimos, ou seja, 225 mil famílias pobres que foram até a CEF pedir financiamento para sua casa própria, saíram de lá com as mãos abanando.

Mas as construtoras comemoram porque, se os mais pobres não têm mesmo condições de se endividar com o crédito imobiliário oferecido, a burguesia e a pequena burguesia se aproveitam do mercado aquecido para investir em imóveis e ampliar o próprio patrimônio.

BANCOS PRIVADOS SURFANDO NA ONDA!

Os grandes bancos privados, mesmo que mais receosos em ofertar dinheiro no momento de crise do que os bancos públicos, também alcançaram lucros recordes incen-

tivados pelo estímulo ao crédito do governo e pelos juros mais altos do mundo pagos pelos títulos da dívida pública brasileira.

O Itaú-Unibanco fechou 2009 com lucro líquido de R\$ 10,1 bilhões, um pouco atrás do BB (R\$ 10,15 bilhões). O Bradesco vem em seguida, acumulando lucro 5% maior do que em 2008 (R\$ 8 bilhões) e o Santander, após capitalizar R\$ 13,2 bilhões no maior lançamento de ações que uma empresa atuante no Brasil já fez, fechou 2009 com lucro 41% maior (R\$ 5,5 bilhões).

Como se vê, esses bancos lucraram e enriqueceram ainda mais seus donos e principais acionistas e, além disso, foram generosos na remuneração de seus executivos, mas esqueceram-se dos trabalhadores. Itaú e Bradesco pagaram mais de R\$ 500 milhões para seus executivos. No caso do

Bradesco, R\$ 250,4 milhões foram divididos entre 150 engratados (mais de um milhão e meio para cada um). Porém, dados do DIEESE mostram que após a fusão entre Itaú-Unibanco houve uma redução de 7.176 postos de trabalho em 2009 e o Bradesco cortou mais de mil vagas. Ao todo, os três maiores bancos privados fecharam quase 10 mil postos de trabalho no ano passado!



A concentração e centralização do capital financeiro também se acentuaram...os oito maiores bancos monopolizam 88,6% do total de crédito do sistema financeiro nacional! Além do Itaú-Unibanco, Banco Real e Santander também se fusionaram

A concentração e centralização do capital financeiro também se acentuaram. Hoje, os oito maiores bancos monopolizam 88,6% do total de crédito do sistema financeiro nacional! Além do Itaú-Unibanco, Banco Real e Santander também se fusionaram. Já o BB, além de comprar metade da BV Financeira, adquiriu os bancos estaduais do Piauí (BEP), Santa Catarina (BESC) e de São Paulo (Nossa Caixa). Já a CEF resolveu comprar 49% das ações do Banco Pan Americano para ajudar seu dono, o Silvio Santos! “Há! Há! Há! Há! Quem quer dinheiroooooo”?

E por falar na dívida pública, vamos aos números. Em 2009, ela chegou a cerca de R\$ 1,6 trilhão e, em 2010 se prevê uma elevação de mais R\$ 233 bilhões. E para fazer frente aos juros, o governo pretende emitir mais títulos, num montante que pode chegar a R\$ 320 bilhões. E assim, a colossal bola de neve da dívida pública vai crescendo ainda mais, beneficiando os agiotas do Tesouro Nacional, os banqueiros e especuladores.



Traduzindo em miúdos, para o governo obter dinheiro e seguir patrocinando a economia, emite títulos lastreados pelo caixa do Tesouro Nacional. Os grandes investidores compram esses títulos, pois o governo promete devolver o dinheiro depois de um tempo, acrescido pelos juros mais altos do mundo. Diante da impossibilidade de quitar essa dívida - pois só para pagar juros é desembolsado, todo ano, cerca de 4% do PIB e ela, mesmo assim, não pára de crescer - o governo emite mais títulos, paga os anteriores e rola a dívida. Até que ponto essa equação se sustentará não é possível adivinhar, mas que essa situação é uma bomba relógio não temos dúvida.

SALVAR O CAPITALISMO OU CONSTRUIR O SOCIALISMO?

A grande questão é que, na tentativa de criar um colchão para uma queda mais suave da economia, ameaçada pela crise do sistema capitalista, o governo resolveu destinar recursos públicos, através do BNDES, BB e CEF, para salvar grandes empresas e manter (ou até elevar), artificialmente, o ritmo de consumo de automóveis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos, móveis e imóveis (aliado a medidas de desoneração fiscal, como a redução do IPI).

O apelo do presidente foi para que os trabalhadores continuassem comprando, mesmo ameaçados de desemprego, para evitar que os “sonhos de consumo” da propaganda midiática - regados a longínquas prestações “sem juros” no cartão ou na base dos empréstimos consignados - não se transformassem em pesadelos para milhões de brasileiros.

É verdade que a enxurrada de crédito funcionou para evitar uma queda ainda pior (que teria efeitos devastadores para a classe trabalhadora) e até serve para uma retomada de investimentos industriais, porém, isso não significa que estamos salvos da crise e nem que a situação vai melhorar para o povo.



Governo derramou bilhões nos bancos

Esta situação, combinada com a “estabilidade social” proporcionada pelo governo, levou a que o Brasil se tornasse um dos maiores, senão o maior destinatário dos investimentos do mundo inteiro. A produção retoma o crescimento a partir do segundo trimestre do ano passado (2009) e vem acelerando. É retomada a criação de empregos, inclusive dos industriais. O mês de fevereiro bateu recorde de criação de emprego.

Mas, isso significa que os trabalhadores estão ganhando? O exemplo da Embraer mostra como isso aconteceu: a Embraer demitiu 5.000 trabalhadores no auge da crise (jan e fev/2009), demitiu mais 700 trabalhadores ao longo do ano e aumentou seu lucro no ano de 2009 em relação a 2008! Pretende aumentar a produção sem recontratar trabalhadores em 2010. Em outras palavras, vai aumentar a “lucratividade”, a “produtividade”, ou seja, os trabalhadores que ficaram trabalharão mais para

dar maior lucro ao patrão.

Afinal, se esse enorme volume de crédito estivesse sustentado num plano de desenvolvimento das forças produtivas, no pleno emprego, no aumento geral dos salários e no controle operário sobre a produção e distribuição da riqueza, teríamos um ciclo virtuoso não só de crescimento econômico, mas de prosperidade social. Essa é a superioridade do socialismo sobre o capitalismo.

Acontece que no capitalismo, somente os banqueiros, industriais e latifundiários iriam se beneficiar com isso, pois a riqueza produzida coletivamente pelos trabalhadores sempre é apropriada para fins privados e pelo Estado burguês.

E acrescenta-se que, no caso de um país semi-colonial como o nosso, grande parte dessa riqueza é transferida para as multinacionais e governos de países imperialistas.

O problema, além desse, é que a economia mundial não está bem das

pernas. Por isso, a bolha de crédito atual no Brasil somente serve para empurrar a crise mais para frente e, portanto, prepara uma bomba ainda maior para ser jogada sobre a cabeça da classe trabalhadora quando for explodir novamente.

Enquanto o Estado se endivida para financiar o capitalismo, mais cedo ou mais tarde, a fatura será cobrada da classe trabalhadora, com aumento do desemprego, rebaixamento de salários, retirada de direitos e cortes de verba nas áreas sociais. (É isso que estamos vendo na Grécia, Portugal, Espanha, Irlanda e Itália, por exemplo, e até mesmo no Japão e EUA, com suas dívidas públicas monstruosas!).

Para concluir, reproduzimos um trecho do editorial do Jornal Luta de Classes, edição nº 29 que se encaixa perfeitamente como uma resposta à frase do presidente Lula citada no começo desse texto:

“O crédito é necessário para a sobrevivência do capitalismo? Sim, é necessário. Mas é necessário que o capitalismo sobreviva? Sim, nos repetem todos os que um dia foram socialistas, que um dia combateram contra a dívida externa, que um dia combateram pela estatização dos bancos, que um dia combateram para reestatizar tudo o que foi privatizado, que um dia combateram pela reforma agrária”.

De nossa parte, reafirmamos que a classe trabalhadora não está derrotada e, por isso, as grandes reivindicações do povo brasileiro seguem em pauta, apesar do pouco caso que os políticos fazem delas e da criminalização que se acentua sobre os movimentos sociais.

Além disso, temos certeza: os marxistas e todos os petistas que se mantêm fiéis à luta de classes e ao socialismo, seguirão lutando para que o governo do PT, como avalista das esperanças populares, honre seus compromissos históricos e rompa com os partidos de direita.

** Rafael Prata é bancário do Banco do Brasil em SP e militante da EM.*



De nossa parte, reafirmamos que a classe trabalhadora não está derrotada e, por isso, as grandes reivindicações do povo brasileiro seguem em pauta, apesar do pouco caso que os políticos fazem delas e da criminalização que se acentua

Chuva, suor e barbárie capitalista

A organização dos trabalhadores em torno de reivindicações concretas é a única saída para o caos e a barbárie instalados no Rio de Janeiro

Emiliano Araújo*

Após dois dias de chuva, já se fala em mais de 300 mortes no Rio de Janeiro. Esse número deve crescer nas próximas horas. Dezenas de pessoas permanecem desaparecidas. No momento que redigimos essa matéria acaba de ocorrer outro grande deslizamento em Niterói, soterrando mais de 2 centenas de pessoas que moravam nas casas construídas sobre um antigo lixão. Já se fala em mais de 300 mortes e mais de 3000 desabrigados.

Na segunda – feira, quando ocorreram as chuvas mais fortes, milhares de pessoas não conseguiram regressar para suas casas. As ruas ficaram alagadas; muitas pessoas tiveram como única opção andar por quilômetros, pelas ruas, pelas linhas de trem.

A cidade viveu a partir deste momento um colapso de toda a infraestrutura. As instituições públicas como o corpo de bombeiros, defesa civil não conseguiram prestar o mínimo socorro. Simplesmente não conseguiam se deslocar para os pontos críticos. Motoristas engarrafados no trânsito sofreram saques.

Na terça – feira os deslizamentos de encostas continuaram a ocorrer. No jornal matinal da TV Globo (RJ TV) o prefeito Eduardo Paes pediu à população que não saísse de suas casas. Escolas, universidades, comércio e repartições públicas permaneceram fechados.

Diante de uma tragédia de tais proporções, Sérgio Cabral e Eduardo Paes enfatizaram a intensidade das chuvas, comparando o evento atual com as enchentes que assolaram o Rio em 1966. A tragédia seria



Aterros e morros, o pobre Rio veio abaixo

conseqüência da fúria da natureza. Cabral também resolveu ressaltar a responsabilidade das pessoas que constroem em áreas de risco.

A intensidade das chuvas, que foram de fato as mais fortes dos últimos anos, não justifica o colapso da cidade, o custo de vidas humanas e o sofrimento brutal imposto à população. Este é o argumento cínico e criminoso que os capitalistas usam para se eximir de qualquer responsabilidade. É a mesma hipocrisia que o imperialismo utilizou para justificar o desastre causado em New Orleans pelo furacão Katrina, ou mais recentemente na destruição do Haiti por um terremoto.

A falta de investimento nos serviços públicos, em obras de prevenção, em habitação, são os fatores que determinam a dimensão da tragédia que se abate principalmente

sobre a parcela mais pobre da população. Vale destacar que o sistema de coleta de águas pluviais da cidade do Rio de Janeiro data da primeira metade do século passado.

A atitude criminosa de Cabral fica evidente pelo fato de que a tragédia ocorre em Angra dos

Reis, na virada do ano com o deslizamento de encostas, já sinalizava o que poderia ocorrer no resto do Estado com as chuvas do fim do verão.

O governo do estado e a prefeitura buscam capitalizar a esco-

lha do Rio para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 e anunciam a realização de uma série de obras espetaculares e de pouca utilidade. Falam que vão transformar a Avenida Rio Branco em um imenso parque público. Falam da construção de um aquário que custará 130 milhões de reais na zona portuária, que está sendo revitalizada. Aprovaram a alteração do gabarito para a construção de residências de luxo na área de Vargem Grande, (que causará um grande impacto ambiental) construção de teleféricos para as favelas, seguindo o modelo de Bogotá.

Apesar de tudo isso, mantém o funcionalismo arrochado, a saúde e a educação pública em péssimas condições.

O transporte público da cidade do Rio de Janeiro vive um verdadeiro colapso. O metrô da cidade que já foi considerado excelente, não passa, literalmente um dia sem apresentar graves problemas. Atrasos, paralisação das composições, fumaça nos vagões. O mesmo acontece com os trens urbanos que funcionam precariamente desde que foi feita a concessão para a iniciativa privada.

As Unidades de Pacificação que o governo do Estado está implantando em favelas, visivelmente se destinam a construir um cinturão de segurança em torno da Zona Sul e do centro, regiões da cidade por onde circularão os turistas que chegarão para os eventos. Os recentes conflitos entre policiais da UPP e moradores da favela do Pavãozinho, assim como conflitos que já ocorreram em outras favelas, já demonstram a inviabilidade deste projeto em longo prazo. As favelas

As Unidades de Pacificação que o governo do Estado está implantando nas favelas, destinam-se a construir um cinturão de segurança em torno da Zona Sul e do centro, para os turistas



do Rio só podem ser “pacificadas” pelos seus próprios moradores, quando puderem se libertar da miséria e da opressão da milícia, da polícia e do tráfico.

Os movimentos sociais, sindicatos, a CUT e o PT devem exigir imediatamente um plano de obras públicas que solucione o problema dos alagamentos e de moradia para trabalhadores que vivem em área de risco. Devem também exigir a estatização dos transportes que foram privatizados e que hoje se en-

contram em situação caótica.

A organização dos trabalhadores em torno de reivindicações concretas é a única saída para o caos e a barbárie instalados no Rio de Janeiro.

Lula que estava no Rio para inaugurar obras do PAC no morro do Alemão, teve que cancelar a inauguração, ele declarou: “esta foi a maior chuva da história

do Rio de Janeiro... é preciso reconstruir a cidade e depois fazer

obras de drenagem nas cidades”. Ainda falou que: “a culpa é dos governos anteriores, que deixou as pessoas construírem nas encostas”.

Acreditamos que os principais culpados são a burguesia e seus governos de plantão: Cabral e Paes. Estes não param de se desmoralizar

com os trabalhadores e com a classe média.

Ao PT cabe refletir sobre a necessária ruptura com estes representantes da burguesia que são responsáveis pela morte de centenas de trabalhadores. Esse é o caminho que deve ser trilhado para eleger Dilma e construir um governo que atenda as reivindicações mais sentidas da classe trabalhadora.

** Emiliano Araújo é militante da Esquerda Marxista no Rio de Janeiro.*

Os movimentos sociais, sindicatos, a CUT e o PT devem exigir um plano de obras

vida dura de trabalhador

Luiz Bicalho

luizbicalho@gmail.com

Também é verdade, já comprovada, que as comunidades que participam ativamente na prevenção e preparação de acidentes e desastres são poupadas dos graves prejuízos e danos provocados pelas suas ocorrências.

Igualmente se verifica que países que investem em prevenção dispõem menos recursos financeiros e perdem menos vidas humanas que países que priorizam o atendimento de resposta aos desastres.

Os desastres aumentam significativamente a dívida social, isto que as pessoas de menor poder aquisitivo são a imensa maioria das vítimas dos desastres, por estarem em áreas de riscos e muitas vezes não têm a percepção global de riscos. Além desse agravante, as ações de respostas aos desastres desviam escassos recursos financeiros de projetos produtivos

que geram renda e empregos.

Tomemos um exemplo: o Japão é o país onde menos morrem pessoas em casos de terremotos. Existem normas para a construção civil e a cidade de Tóquio tem uma rede imensa de túneis que permitem que as ondas de um maremoto sejam desviadas e contidas ao invés de se jogarem sobre a cidade. Então, porque não podemos construir redes de captação de águas fluviais que entopem com a primeira chuva séria? Porque não podemos ter um sistema de coleta de lixo que funcione todo dia, que varra as ruas e recolha todo o lixo nela jogado? Porque não podemos ter coleta de lixo e urbanização nas encostas, bairros populares e favelas permitindo que a água desça de lá levando tudo de roldão, matando em cima quando cai o barraco do cidadão e em baixo com a enchente ou com o deslizamento de terra?

Ah, mas onde irão os lucros então? Em nome dos lucros, em nome de quem tem que pagar tudo é o pobre, é o trabalhador, a chuva continua a cair no Rio e o prefeito e o governador “apelam” para a boa vontade de trabalhador e empresários. E o trabalhador não pode



No Rio de Janeiro dos milionários: arranha-céus



No Rio de Janeiro dos pobres: habitações em áreas de risco

trabalhar (nem consegue chegar ao trabalho) e muito provavelmente vai ouvir do patrão “vai cobrar do prefeito e do governador que mandaram você ficar em casa, aqui mando eu”. Sim, vida dura, vida de quem pediu pra chover mas chover só um pouquinho e quando a chuva cai sofre mais que sob o calor. Vida dura do trabalhador que, nestes momentos, aprende que estas

alianças do PT com o PMDB só servem para se acobertar a covardia e a prepotência desses “alidados” que nada se preocupam com o povo e ainda culpam os mortos pelo desastre!

Leia a matéria na íntegra no web site www.marxismo.org.br

A Revolução dos Cravos completou 36 anos

O nome Revolução dos Cravos se deve ao fato de que os soldados apareceram em várias fotos com cravos nos canos de seus fuzis

Mario Conte*

mariocontef@gmail.com

Às 22h55min do dia 24 de março de 1974 a rádio Alfabeta tocava a música “E depois do adeus”, de Paulo Carvalho. Era o primeiro sinal para as tropas se moverem. Às 00h20min h do mesmo dia a rádio Renascença tocava a música “Grândola, Vila Morena”, de Zeca Afonso. Era a senha para o Movimento das Forças Armadas (MFA) entrarem em ação. O capitão Salgueiro Maia adentra em Lisboa, com esta ainda às escuras.

O nome Revolução dos Cravos se deve ao fato de que os soldados apareceram em várias fotos com cravos nos canos de seus fuzis, cravos estes que teriam sido colocados neles pelo próprio povo português insurreto ao tomarem as ruas em apoio à ação da MFA.

Portugal vivia uma ditadura desde o golpe militar de 1926 que empossou em 1932 o primeiro ministro Antonio Oliveira Salazar. Ele instalou um governo inspirado nos regimes fascistas da época e, já no ano seguinte promulgou uma constituição que negava liberdades de expressão, de reunião, de imprensa e de organização. Salazar permaneceu no poder até 1968, quando, após um derrame cerebral, foi substituído por Marcelo Caetano, que prosseguiu com sua política.

Portugal era um regime colonialista, a explorar territórios na

África, como Angola e Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e na Ásia, o Timor Leste. Estas colônias iniciaram na década de 60 movimentos de libertação, sendo que Angola já em 16 de janeiro 1961 iniciava a sua revolução. Por meio de uma guerra prolongada. E 1975 várias colônias são declaradas independentes.

A dispendiosa guerra desgastou Portugal, econômica, política e moralmente. Aumentou o índice de deserção de jovens que não queriam se alistar e combater em outro continente. A guerra colonial motivou a insatisfação dos membros das forças armadas que organizaram a MFA.

O general António de Spínola assume temporariamente o poder depois da deposição de Caetano que se refugiou no Brasil, abrigado aqui pela ditadura militar. Em maio de 1974 surgem lideranças civis que voltaram do exílio, como Álvaro Cunha e Mário Soares, do Partido Socialista Português (PSP) e Partido Comunista Português (PCP), respectivamente

Em 1975 foi eleita uma Assembleia Constituinte e um parlamento. Inicialmente como um golpe militar,



O povo toma as ruas e se une às tropas: cai a ditadura

a Revolução dos Cravos, ganha depois o apoio dos trabalhadores e de todo o povo, que acabam por impor a ela uma direção inicialmente não prevista no programa dos três D's: Democratização, Descolonização e Desenvolvimento. A organização popular garantiu conquistas como o direito de greve e obrigou o governo provisório a avançar em suas pretensões liberais, com nacionalização de bancos,

empresas de comunicação e de seguros, reforma agrária.

Nas greves de 1974/75, o ministro Carlos Carvalhas (do PCP) ordenou retorno imediato ao trabalho e autorizou a repressão policial aos grevistas. Como estas greves conquistaram a jornada de trabalho de 40 horas, a coalizão PSP e PCP promulgou lei limitando o direito

de greve em Portugal. PSP e PCP se afastam e o movimento da MFA, racha entre um setor que apoiava o governo e outro que clamava por uma esquerda mais atuante.

As contradições internas do próprio país, predominantemente rural, com 40 % da população economicamente ativa trabalhando no campo, setor ao qual estava ligada, mesmo

que indiretamente, cerca de 60 % da população. Com um dos maiores índices de analfabetismo da Europa (33 % em 1970), sua taxa de mortalidade infantil era de 37,9 % (em 2002 era de 5%). Havia mais de 400.000 desempregados em uma população de 9 milhões. Cerca de um milhão de emigrados para as Américas ou outros países da Europa, em busca de melhores condições de vida. Até 1974, 25 % dos trabalhadores portugueses eram mulheres, que ganhavam em média um salário 40 % inferior aos dos homens, pela mesma função. No campo dos direitos, a legislação era dominada pela moral burguesa. O casamento era indissolúvel, mas o marido poderia repudiar a mulher se ela não fosse mais virgem ao casar. Havia distinção de filhos legítimos (frutos do casamento) e ilegítimos e mães solteiras não tinham qualquer amparo legal. O marido tinha o direito de matar a mulher em flagrante adultério. A pena limitava-se ao desterro.

Fruto das contradições internas e externas de Portugal, a Revolução dos Cravos, mesmo proporcionando inegáveis avanços ao povo, acabou, pela traição do PS e PC, preparando o terreno para que Portugal integrasse a União Européia ao invés de garantir o avanço dos seus trabalhadores rumo ao socialismo.

* Mario Conte é músico e militante da Esquerda Marxista em São Paulo.

“
No campo dos direitos, a legislação era dominada pela moral burguesa. O casamento era indissolúvel, mas o marido poderia repudiar a mulher se ela não fosse mais virgem ao casar

Venezuela: A revolução e as nacionalizações

Euler Calzadilla*

Juventude do PSUV

Em várias oportunidades o camarada Chávez tem chamado o setor privado para investir e a unir-se ao governo para levantar a economia. É evidente que isso não causa nenhum efeito aos ouvidos da maioria dele e nem aos outro setor que têm participação hipócrita e diz ser de “empresários socialistas”. Por outro lado temos setores de gênios sectários que afirmam que existe uma política do governo para esmagar as lutas dos trabalhadores. Todo este conjunto lança mensagens confusas aos revolucionários em momentos nos quais o fundamental para a revolução é clareza.

Certamente que toda uma camada de funcionários burocratas, não está interessada em expropriações ou controle operário, muito menos apoiar os direitos dos trabalhadores ou sindicatos revolucionários, são capazes de trair o processo e aliar-se aos empresários para golpear os trabalhadores. Há alguns meses era comum ver-los afirmando que devido à crise não haveria já não haveria mais expropriações e ainda hoje fazem um chamado à calma o setor privado. Mas, frente a esta situação, nem tudo está resolvido.

O governo tomou até a presente 602 fundos, 12 agroindústrias e 8 empresas, 14 bancos sob intervenção e 1 nacionalizado, inclusive das transnacionais, como da Cargill que teve sua processadora de arroz expropriada e passou a ser mista em nome da ALBA. Isto sem falar na nacionalização do Êxito [rede de supermercados] e de outras empresas.

Isto provoca um grito de alarme não somente na burguesia, mas

também em setores que se dedicam a criticar o processo desde a comodidade de seus terraços. Essa é uma luta de forças vivas e novamente dizemos: nada está totalmente resolvido.

Em princípio começou pela nacionalização de SIDOR, Cantv, as empresas elétricas e as empresas que ocupavam o a Faixa Petrolífera do Orinoco. A estas se seguiu a nacionalização das fábricas de cimento Holcim, Cemex e Lafarge. Depois várias indústrias relacionadas com a alimentação e com a nacionalização do Banco da Venezuela, com os bancos sob intervenção foi criado o Banco Bicentenário, com o qual o Estado passou a manejar 25% dos depósitos.

Durante a inauguração dos mercados Bicentenários, Chávez afirmou “Isto tem que estar sob o controle operário e com novas relações de trabalho, novas relações de produção para acabar com a exploração”. No mesmo ato ordenou a expropriação das terras que ocupam a Empresa Polar no centro da cidade de Barquisimeto, Estado de Lara. Dias depois, frente a uma tentativa de sabotagem por parte do grupo Polar, advertiu que poderia ordenar a expropriação de toda Polar, caso necessário.

“
Os empresários que dizem ser socialista, perguntam: como funcionam suas empresas, por pequenas que sejam? Como se manejam os excedentes? Impulsionam o controle operário em suas empresas? Como funciona seu Conselho de Trabalhadores?”
 A manutenção destas empresas sob a chamada propriedade social abre o debate e a luta em outro terreno. O controle das empresas. Quem e como deve gerenciar as empresas

A manutenção destas empresas sob a chamada propriedade social abre o debate e a luta em outro terreno. O controle das empresas. Quem e como deve gerenciar as empresas



Banco Venezuela em Caracas

de propriedade social?

É aqui onde nos é colocado o terreno da luta, na formação dos conselhos de trabalhadores e conselhos de fábrica, na extensão de um modelo de controle operário que dirija estas empresas.

A Indústria Nacional de Artigos de Torneiras (INAF), está há 4 anos sob controle operário e funciona sem patrão, é um modelo de como se deve estabelecer o controle operário da produção e assim viu o camarada Chávez quando ordenou sua expropriação ao final de Outubro passado.

Os empresários que dizem ser socialista, perguntam: como funciona suas empresas, por pequenas que sejam? Como se manejam os excedentes? Impulsionam o controle operário em suas empresas? Como funciona seu conselho de trabalhadores? Assim se poderá ver o quanto socialistas são.

A burocracia não exerce um controle absoluto da situação, os trabalhadores organizados podem e devem mostrar o caminho nas fábricas, nas comunidades, nos planos de desenvolvimento e mais importante ainda, dentro do PSUV.

- Não há nada fora do movimento operário
- Não há nada fora do PSUV.

* Euler Calzadilla é militante da Juventude do PSUV e da Corrente Marxista Internacional na Venezuela



Manifestantes tomam a Avenida Bolívar

Lançamento do volume 2 do livro *Reformismo ou Revolução* de Alan Woods

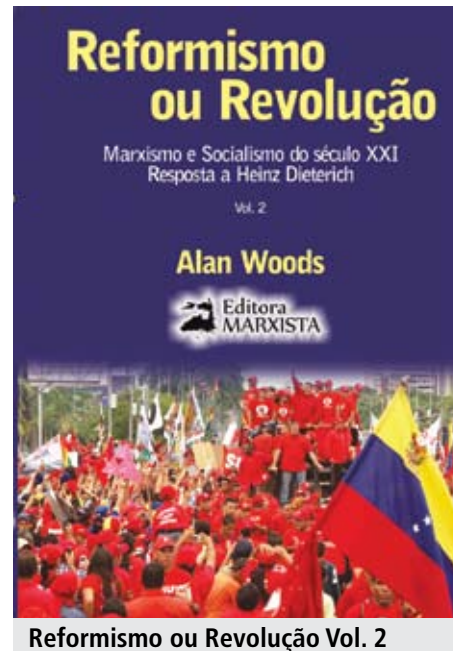
Fabiano Leite*

fabianoadalberto@gmail.com

A Editora Marxista lança agora o segundo volume, em português, do livro do revolucionário marxista galês Alan Woods, *Reformismo ou revolução. Marxismo e Socialismo do Século XXI, Resposta a Heinz Dieterich*. Este último é o professor universitário que, do alto de sua cátedra universitária, inventou “o socialismo do século XXI”, um novo “sistema” de organização social que tem a pretensão de superar o socialismo científico.

O livro de Alan Woods é de leitura imprescindível para todos, tanto para os que se interessam pela literatura marxista, quanto para os que se reivindicam marxistas e revolucionários. Não caberia aqui assinalar uma diferen-

ciação necessária? Por que após o termo marxista necessitamos apor o termo revolucionário? Não seria suficiente dizermo-nos marxistas e ponto final? Será possível que exista um marxismo que não seja revolucionário? Não, não existe. O que existe é gente que um dia se afirmou marxista sem compreender minimamente sua essência e integridade, fizeram tantos enxertos idealistas na doutrina marxista e acabaram perdendo totalmente o norte e - por que não dizer? - um pouco da vergonha pessoal. Por esta razão, os autênticos marxistas, por necessidade de se diferenciarem de todos os que se colocaram à frente para emascular maliciosamente o marxismo, enfatizam e defendem o caráter revolucionário da doutrina de Marx, o verdadeiro legado da classe trabalhadora, contra todos os ataques, internos e externos. É isto o que faz conscienciosamente



Alan Woods em sua crítica irreprensivelmente marxista revolucionária da volumosa e indigesta obra de Heinz Dieterich.

Eugen Dühring é o protótipo desses catedráticos impregnados do ar vicioso de seus escritórios universitários. Heinz Dieterich é um espécime da mesma estirpe e, o que é pior, sem nenhuma originalidade. Aqui, há uma semelhança incrível entre eles, como ressalta Allan Woods, inclusive em ma-

téria de prolixidade e ecletismo. O estilo é quase o mesmo: pesado, insípido e incolor. O resultado é integralmente o mesmo: uma brutal indigestão intelectual. Do primeiro, viu-se Engels obrigado a tratar em sua obra-mestra Anti-Dühring. Do segun-

do, encarregou-se muito a contragosto Allan Woods, mas com o mesmo brilho. Isto se pode verificar com a leitura da obra, cujo segundo tomo ora lançamos à disposição de todos.

Este segundo volume cobre do sexto ao nono capítulo da obra, onde Alan Woods começa contrapondo a economia marxista (sexto capítulo) à economia do “socialismo do século XXI” (sétimo capítulo), evidenciando a raquítica aproximação “teórica” de Heinz Dieterich. O oitavo capítulo é dedicado a desmistificar e a colocar em suas verdadeiras bases científicas a questão da relação entre o socialismo e o estalinismo, que tem sido um velho e cansado cavalo de batalha da burguesia imperialista para caluniar o socialismo científico. Já com relação ao nono capítulo, O Futuro da Revolução Cuba-

na, que fecha o presente volume, seu tema por si só merece uma leitura aprofundada e cuidadosa, e a abordagem de Alan Woods a respeito é irretocável do ponto de vista marxista, proporcionando a explicação da situação atual em Cuba e

O segundo volume cobre do sexto ao nono capítulo da obra, onde Alan Woods começa contrapondo a economia marxista à economia do “socialismo do século XXI”

analizando as perspectivas que se abrem à sua Revolução.

Ver totalidade desta resenha na Web: www.marxismo.org.br

* Fabiano Leite é funcionário da Biblioteca Nacional, colaborador do JLC e filiado ao Sintrasef.

CAMPANHA FINANCEIRA

PROMOÇÃO DE 3 LIVROS DA EDITORA MARXISTA

A Esquerda Marxista dá a largada no mês de abril à nova campanha financeira da organização. Serão três livros da Editora Marxista em preços promocionais: *Razão e Revolução*, *Reformismo ou Revolução volume I e volume II*.

O livro *Razão e Revolução* de Ted Grant e Alan Woods, lançado em 2007, dedica-se a analisar a aplicação do método marxista, o materialismo dialético, nas ciências naturais.

Cada livro custará, durante 2 meses, o preço promocional de R\$ 20,00. Aproveite para adquirir com nossos militantes essas excelentes obras e ajudar a Esquerda Marxista a continuar em seu combate pela revolução e pelo socialismo no Brasil e no mundo.

Compre também pela internet: www.livrariamarxista.com.br

